

O SILÊNCIO DO DESDÉM: O CRÍTICO MACHADO DE ASSIS

Edison Bariani (UNESP/FCLAr)

RESUMO: A extensa análise da obra literária de Machado de Assis ainda relega o exercício crítico efetuado pelo autor. Sua crítica literária - ainda pouco estudada - traz interessantes questões e, dentre elas, uma que foge ao controle do próprio autor: como se relacionam o crítico e o escritor Machado de Assis?

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Crítica. Literatura brasileira.

“Crítica é análise (...)”

Machado de Assis (1959, p. 13).

O crítico Machado de Assis antecedeu o romancista. Seus trabalhos de crítica iniciam-se - segundo Mário de Alencar (1959) em 1858, já sua produção romanesca começa em 1872, com *Ressurreição*.¹ Teria o crítico, de algum modo, dado vida ao escritor?

A produção crítica machadiana - findada em 1904 - deu-se em jornais e revistas (*A marmota, A semana ilustrada, O novo mundo, Correio mercantil, O cruzeiro, Gazeta de notícias, Revista brasileira* da 1ª e 2ª fases, etc.) e foi coligida em volume (em 1910) por Mário de Alencar,² grato amigo, cuja entrada para a Academia Brasileira de Letras se deveu, em muito, ao peso da opinião de Machado de Assis (CANDIDO, 1995, p. 19).³

Segundo Mário de Alencar, Machado de Assis - como crítico - não possuía “grande coragem e espírito de luta”.

Suscetível, suspicaz, delicado em extremo, receava magoar ainda que dizendo a verdade; e quando sentiu os riscos da profissão, já meio dissuadido da utilidade do trabalho pela escassez da matéria, deixou a crítica individualizada dos autores pela crítica geral dos homens e das coisas, mais serena, mais eficaz, e ao gosto do seu espírito. (ALENCAR, 1959, p. 9).

A experiência pessoal de Mário de Alencar habilitava-o a emitir tal juízo. Entretanto, tal consideração permite interpretar que o literato teria nascido da frustração do crítico! Afora o fato de que críticos frustrados, em geral, não se tornam escritores desse quilate, Machado de Assis não aparenta ter sido desaparelhado para a função, como sugere Alencar.

Em “O ideal do crítico” – escrito em 1865 – lamenta que a crítica, relegada pelos esclarecidos, esteja sendo exercida pelos “incompetentes”, e alerta para os riscos de, em assim sendo, tomar-se como referência das obras, em vez do mérito, a “publicidade” e os “caprichos da opinião” (ASSIS 1959, p. 11). Todavia, segundo Machado de Assis (1959, p. 13), para o crítico efetuar “o julgamento de uma obra, cumpra-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção”. Enfileira então um rosário de condições necessárias ao bom exercício crítico: 1) crítica é “ciência e consciência”, conhecimento e compreensão, sem “simpatias ou antipatias”, respeitando a “satisfação íntima de dizer a verdade”; 2) coerência; 3) independência e imparcialidade; 4) tolerância, para que a crítica seja algo fecundo; 5) deve ser analítica e não prescritiva; 6) guiar-se pela “moderação” e “urbanidade”, se o crítico trata com a extrema suscetibilidade da “ vaidade dos poetas”, cumpre ser “delicado por excelência”, sem deixar de dizer a verdade, seu dever; 7) por fim, perseverança, o crítico deve obstinar-se no ofício. Vista assim, a função da crítica seria contribuir para o aperfeiçoamento da literatura, na forma de uma consciência legítima e fecunda da produção literária, analítica e sensível, severa e útil, desse modo, “o conselho substituiria a intolerância, a fórmula urbana entraria no lugar da expressão rústica - a imparcialidade daria leis, no lugar do capricho, da indiferença e da superficialidade” (ASSIS, 1959, p. 13-9).

Explicitada a plataforma do crítico Machado de Assis, depreende-se do efetivo exercício da crítica uma preocupação maior com o texto em si que com as circunstâncias da produção literária. Um cuidado da forma, mormente na poesia, combina-se com as exigências em termos de conteúdo, sem – todavia – negligenciar as implicações da construção literária (em termos de leitura e interpretação), no que diz respeito às características que extrapolam os limites exclusivos do texto. Com algum desprezo por sua sensibilidade social e moral, o crítico Machado de Assis certamente seria definido como um “impressionista”, definição plausível não fosse a conotação pejorativa que o academicismo e o cientificismo posteriores inculcaram ao termo.

Na análise das obras, o crítico Machado de Assis confere especial atenção aos elementos internos ao texto: na poesia há preocupação intensa com a métrica, o verso, a escolha do tipo de verso e de poema para exprimir o conteúdo e, também, com a “sensibilidade” e o “sentimento” do poeta; na prosa, tem olhar aguçado para o enredo e seu

desenvolvimento (coerência, facticidade e organização lógica), cuidado na introdução de elementos na trama narrativa, construção dos personagens, etc. Reprova, particularmente, o recurso inverossímil ou fortuito na trama, daí criticar duramente – e ser alvo de ataques em razão disso – *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, em resenha escrita em 1878 (ASSIS, 1959, p. 155-79).⁴

O crítico valoriza, sobretudo, a simplicidade, daí um rasgado elogio a *Cenas da vida amazônica*, de José Veríssimo (ASSIS, 1959, p. 245-52). É nítida sua aversão a teorias, escolas, estilos, influências, etc., e evidente seu apreço pela inspiração, pelo esforço e pelo respeito ao amadurecimento do escritor. Não se ocupa de desvendar as teorias, escolas e estilos que norteavam os escritores e obras – chega a censurar a ligação de Eça de Queirós com o realismo, afirmando: “Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo; assim não sacrificaremos a verdade estética” (ASSIS, 1959, p. 178). Também não confere especial importância à originalidade por si mesma ou ao desvelamento de eventuais influências estrangeiras, bem como precavê-se contra qualquer relação direta entre a vida e a obra do autor.

Tomado o elemento textual como ponto de partida, interessa-lhe o humano, o indeterminado, o imponderável da existência. Sua – depois notória – distância de doutrinas e sistemas levou-o a fazer dura crítica à então “nova geração” de escritores (ASSIS, 1959, p.180-244), concentrando na figura de Silvio Romero muitas das censuras à imbricação entre literatura e ciência, ao “pedantismo” (advindo do cientificismo) e ao “espírito de seita” inerente. É explícita sua sentença contrária à congruência entre a estética e a ciência, e mais, entre as aspirações estéticas e as sociais.

Machado também é lacônico ao asseverar a saudável distância entre a literatura e a política e, obviamente, a qualquer tentativa de por a primeira a serviço da última – como aconselha a Fontoura Xavier, também em “A nova geração”, resenha de 1879 (ASSIS, 1959, p. 180-244). A reserva para com a política fica evidente quando celebra em Almeida Garrett o escritor, mas não o político – na resenha “Garrett”, de 1899 (ASSIS, 1959, p. 253-7) –, e quando comemora o fato de a política não ter ofuscado o escritor Joaquim Nabuco, em resenha de 1901 sobre *Pensées détachées et souvenirs* (ASSIS, 1959, p. 289-94).

Todavia, os valores, evidentemente, não estão ausentes da crítica machadiana. Há uma observação atenta à influência moral da literatura. Embora recuse a confusão entre a arte e a moral, reprova em Eça de Queirós a descrição naturalista de cenas de adultério: “essa

pintura, esse aroma de alcova, essa descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal” (ASSIS, 1959, p. 177-8). Tal fato não é incidental, afluem – em escritos diversos – preocupações com a influência moral (no leitor) do uso de recursos literários, entretanto, menos por zelo do moralismo que do bom gosto.⁵

O crítico Machado não se furta ao debate da questão da nacionalidade, tema politicamente emergente com o advento da Geração de 1870 e, naquele momento de nascimento da crítica como ofício, norteadora das análises e mesmo dos juízos crítico-literários. Silvio Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo – dentre outros – debatiam(se) o tema (COUTINHO, 1968); Machado de Assis contribui para a questão com o artigo “Literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, escrito em 1873 (ASSIS, 1959, p. 129-49). Nele, analisa o romance, a poesia, o teatro, a crítica, a língua e a formação da literatura brasileira, e conclui: o teatro é praticamente ausente, falta uma crítica literária elevada, a poesia se orienta pela “cor local” mas ainda é débil, a língua é por demais influenciada pelo francês e o romance, este sim “já deu frutos excelentes e os há de dar em muito maior escala” (ASSIS, 1959, p. 140). Assim:

Viva imaginação, delicadeza e força de sentimento, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carências às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro. (ASSIS, 1954, p. 148-9).

Destarte a evolução, Machado de Assis atenta para o caráter histórico-processual da autonomia da literatura nacional e o fato de que tal processo, para ser sólido, deverá ser mais longo, pois várias gerações trabalharão nesse empreendimento. A produção literária, desse modo, deverá se orientar não somente pela cor local e pelo assunto nativo, mas pelo “instinto de nacionalidade”. A literatura produzida a partir do tema do índio e do local não deveria ser excluída ou tornada o único assunto, a questão central da nacionalidade e o que seria plausível exigir do escritor é “certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, 1954, p. 135). O escritor no Brasil deveria combinar o nacional e o universal, abordar questões nacionais sem desvinculá-las das grandes questões universais - o que um comentarista definiu como “dialética do local e do universal” (SCHWARZ, 1987, p. 168).

Machado de Assis foi – inicialmente - um crítico produtivo, freqüente e exigente, produziu intensamente em 1865 e 1866 (doze artigos coletados por Mário Alencar); de 1866 a 1879 produziu apenas cinco artigos, entretanto, de um nível de exigência muito alto, contam-se aí seus embates em torno da questão nacional (“Literatura nacional: instinto de nacionalidade”, de 1873), a dura resenha de 1878 sobre o livro de Eça de Queirós (“*O primo Basílio*, por Eça de Queirós) e seu acerto de contas com o cientificismo e o voluntarismo político-social (“A nova geração”, de 1879); todavia, entre 1880 e 1898 nada produziu que tenha sido localizado pelas pesquisas de Mário de Alencar (1959); já a partir de 1899 até sua morte, produziu pequenas peças mais de adulação que propriamente de crítica, a partir de obras de seus amigos e próximos: Mário de Alencar, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Oliveira Lima, bem como elogios (em geral póstumos) a Almeida Garrett, Eça de Queirós, Eduardo Prado, etc.

Teria o crítico sucumbido ao escritor? Teria o romancista ‘assassinado’ o analista literário?

Ao seguir tais dados, torna-se sensível certa relação (inversamente proporcional) entre a produção crítica e a estritamente literária (prosa, poesia, teatro) do autor; no primeiro momento, mais prolífico na crítica (1865-1866), Machado era ainda um escritor iniciante, havendo publicado – na maior parte – peças teatrais, fantasias, comédias e as primeiras poesias (*Crisálidas*, 1864); no segundo momento, de escassa produção crítica mas de afiado gume (1866 a 1879), publica concomitantemente seus primeiros trabalhos considerados relevantes - *Contos Fluminenses* (os primeiros contos, de 1869), *Falenas* (poesias, 1869), *Ressurreição* (o primeiro romance, 1872), *Histórias da meia-noite* (contos, 1873), *A mão e a luva* (1874), *Americanas* (poesia, 1875), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878); no terceiro momento, entre 1880 e 1898, no qual provavelmente nada publicou (ao menos de relevo) em termos de crítica, produziu alguns de seus melhores contos (em *Papéis avulsos*, de 1882, *Histórias sem data*, 1884, *Várias histórias*, 1896) e, principalmente, o clássico trio de romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom casmurro* (1899); a partir de 1899, a crítica cedeu lugar ao elogio, significativamente, nesse período produziu alguns trabalhos de reconhecida importância – *Esau e Jacó* (1906), *Relíquias da casa velha* (1906) e *Memorial de Aires* (1908) – mas talvez já sem o brilho dos imediatamente anteriores – escritor e ‘crítico’ reconciliavam-se nos louros da glória.

Sem desconsiderar a óbvia dificuldade de produção intensiva em altíssimo nível por parte do autor, a correlação (quase reflexa) entre a produção crítica e a literária (em sentido restrito) é notória. O crítico Machado – produtivo e insinuante – tem como paralelo o escritor frágil e iniciante; a seguir o analista escasso, porém exigente, ombreia com o prosador comum mas já feito; o crítico então submerge frente à grandeza do prosador genial; finalmente, o crítico devota-se à etiqueta da boa convivência literária, o que convém também ao escritor consagrado.

Depreende-se daí que o exercício da crítica por Machado de Assis não foi um pecado de juventude, sua produção o credencia ao estudo e à comparação com os pioneiros da crítica literária no Brasil. Por outro lado, restam dúvidas sobre o abandono da crítica por parte do escritor: o prosador teria morto o crítico ou realizado os desígnios deste?

Afora contingências e idiossincrasias, pode-se perscrutar o sentido dessa mudança nos marcos da existência social do autor, naquele contexto. O exercício da crítica teria dado lugar ao da produção literária (mormente a prosa romanesca)⁶ devido ao maior *status* (social e cultural) atribuído ao escritor numa sociedade pautada pela cultura ornamental, em detrimento do ainda incipiente e mal compreendido ofício do crítico?

Luis Costa Lima aventa a hipótese de que se Machado houvesse insistido no exercício da crítica – numa situação história concreta adversa na qual predominavam concepções como o sociologismo, o evolucionismo, o naturalismo, o determinismo, etc., instrumentalizados para a construção da nacionalidade – teria tido dificuldades de circulação e produção literárias naquele ambiente sócio-cultural.

A genialidade machadiana teria sofrido o mesmo ostracismo que enterrou um Joaquim de Sousa Andrade se o romancista não tivesse aprendido a usar a tática de capoeira nas relações sociais [...] Primeiro sinal de sua esperteza: não insistiu no exercício da crítica. Se houvesse perseverado em artigos como seu “Instinto de nacionalidade” (1873), provavelmente teria multiplicado inimigos ferozes. Em troca, a criação da Academia Brasileira de Letras lhe punha em relações cordiais com os letrados e com os compadres dos “donos do poder” [...] Sua salvação intelectual, no entanto, foi paga pela estabilização das linhas fixadas desde a Independência. Desse modo, não medrou entre nós nem o veio especulativo que tornou a Alemanha um centro de referência [...] nem a linha ético-pragmática que distinguiria a Inglaterra. (LIMA, 2006, p. 6).

A condição do escritor e o exercício da literatura seria incompatível ou conflituosa com a simultânea atuação (séria) do crítico num ambiente cultural estreito e provinciano - reduzido praticamente à capital do Império (depois da República) e agravado pelo fato de

Machado tornar-se aglutinador cultural e presidente da recém-fundada Academia Brasileira de Letras (1897) -, no qual o prestígio e a sanção estéticos estavam ligados por liames corporativos, pessoais e baseados numa sociabilidade que primava pelo favor?⁷

Ou teria Machado - no que diz respeito à sua produção literária, em especial como prosador - alcançado tal consciência de sua importância que tornaria a crítica uma atividade estéril, senão injusta, para outrem, tanto quanto desdenhosa para si?⁸ Detemo-nos aqui nessas simples hipóteses, que não se excluem. Mencionemos, entretanto, de um modo machadiano, uma passagem (na qual cita Dante Alighieri) que, por ventura da última hipótese, vem de encontro à sua prova.

Realmente, criticados que se desforçam de críticas literárias com impropérios dão logo idéia de uma imensa mediocridade - ou de uma fatuidade sem freio - ou de ambas as coisas; e para lances tais é que o talento quando verdadeiro e modesto, deve reservar o silêncio do desdém: *Non ragionare de lor, ma guarda, e passa.* (ASSIS, 1959, p. 227).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Mário de. Advertência da edição de 1910. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Crítica Literária**. Organizado por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1959, p. 7-10. (Obras completas de Machado de Assis).
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Crítica Literária**. Organizado por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1959. (Obras completas de Machado de Assis).
- BOSI et al., Alfredo. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. (Escritores brasileiros, Antropologia e estudos, 1).
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários escritos**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 17-40.
- COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada** (o espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. (Documentos brasileiros, 127).
- FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre (biografia intelectual). In: BOSI et al., A. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p. 9-59. (Escritores brasileiros, Antropologia e estudos, 1).
- GLEDSOON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Luiz Costa. Letras à míngua. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2006. Caderno Mais!, p. 6.

SCHWARZ, Roberto. Duas notas sobre Machado de Assis. In: _____. **Que horas são?** Ensaaios. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 165-78.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil - 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹ Já havia, porém, colaborado com pequenos escritos em jornais (provavelmente desde 1855) e publicado contos (*Contos fluminenses*, 1869), peças teatrais (*Queda que as mulheres têm para os tolos*, 1861; *Desencantos*, 1861; *Teatro*, 1863; *Quase ministro*, 1864; *Os deuses de casaca*, 1866) e poesias (*Crisálidas*, 1864; *Falenas*, 1869) - (BOSI, 1982, p. 522; FACIOLI, 1982, 17-9).

² Alencar (1959, p. 10) adverte para a possibilidade de alguns dos trabalhos de crítica terem sido negligenciados nessa publicação. O autor aponta o final da obra crítica em 1906, mas os textos de apresentação – como prefácios – não foram aqui por nós considerados; descartamo-los por não considerá-los peças críticas, devido ao caráter mais de apresentação que propriamente de análise, mormente naquele contexto literário do Brasil do final do séc. XIX e início do séc. XX, em que a condescendência servia de etiqueta à convivência cultural.

³ Mário de Alencar também era filho do romancista José de Alencar, muito caro a Machado de Assis.

⁴ Alvo de reprovações por parte dos admiradores de Eça de Queirós, o crítico Machado teve um conflituoso relacionamento inicial com o escritor Eça; mais tarde, entretanto, o já escritor consagrado Machado (em 1900) refere-se novamente a Eça - por ocasião da morte deste - de modo carinhoso e mesmo como admirador (ASSIS, 1959, p. 258-9).

⁵ O proplado – de modo errôneo e descontextualizado – caráter moralista ‘vitoriano’ de Machado é desmistificado por Gledson (2006).

⁶ A produção poética e teatral, inicialmente freqüente, após 1866 torna-se escassa, o autor só publica mais uma e última peça em 1881, *Tu só, tu, puro amor...* (comédia), e suas *Poesias completas*, em 1901 (BOSI et al., 1982, p. 522).

⁷ Aqui podemos lembrar os casos de alguns dos pioneiros da crítica brasileira: Araripe Júnior, José Veríssimo e – principalmente – Silvio Romero, cujos trabalhos como literatos foram relegados pelo peso (ou ônus?) da crítica que exerciam.

⁸ Roberto Ventura (1991) destaca o “tédio à controvérsia” (termo usado por Mário Casassanta numa alusão ao personagem Bentinho, de *Dom casmurro*) e o “silêncio do desdém” - mencionado na resenha crítica “A nova geração”, em referência às queixas de Silvio Romero com relação às críticas (!) - como forma de Machado se portar frente à batalha das idéias.